

REGIÃO E CIVILIZAÇÃO: DUAS CRÍTICAS À TEORIA DO CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES

Marcos Deyvinson Ferreira Damacena*

Resumo: Esse texto foi escrito com os seguintes objetivos: a partir da exposição da teoria de Samuel P. Huntington sobre o choque das civilizações, nós intentamos apresentar algumas das críticas feitas à sua teoria. Os pontos específicos de crítica são a noção de Região, que não é suficientemente explicitada pelo autor, e a noção de Civilização que, segundo Edward Said, seria desnecessária e mesmo que fosse necessária, seria insuficiente.

Palavras-chave: Choque das Civilizações. Samuel Huntington. Edward Said. Islã. Região.

REGION AND CIVILIZATION: TWO CRITICISM TO THE CIVILIZATION SHOCK THEORY

Abstract: This present text was written whit the following goes: as from the exhibition of the Huntington's theory about the Clash of Civilizations, we pretend show some of the criticism to his theory. The specific points of criticism are his notion of Region, which is not explained by the author, and his notion of Civilization that, according to Edward Said, would be unnecessary and if would be, would be insufficient.

Keywords: Clash of Civilizations. Samuel Huntington. Edward Said. Islã. Region.

Introdução

Após a segunda Guerra Mundial, o mundo se encontrou polarizado entre duas grandes potências mundiais, duas das vencedoras da Guerra: Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Este período pós-guerra foi caracterizado pela disputa econômica, ideológica e, principalmente, bélica entre as duas potências. Chamamos esse período de Guerra Fria. Foi um período no qual todos os holofotes do Ocidente estavam voltados para a URSS e, para os ocidentais, o Oriente se resumia à URSS.

*Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), membro da equipe O Manguezal - Revista de Filosofia e integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS). E-mail: marcos.deyvinson@hotmail.com

Com o fim da Guerra Fria em 1991, toda a dinâmica global – que antes era explicada pelo conflito ideológico entre capitalistas (EUA) e comunistas (URSS) – precisou ser explicada por meio de novos dados e de uma nova visão de mundo. O mundo não era mais reduzido a duas posições ideológicas e a duas potências. Mais minúcias apareceram para cumprir o papel explicativo da nova dinâmica global. Samuel P. Huntington foi um dos teóricos que propôs uma nova perspectiva para a interpretação das relações internacionais, o choque civilizacional.

Em 1993, Huntington publicou um artigo intitulado *O choque das civilizações?*. Neste artigo, o autor defendeu que, após o fim da Guerra Fria, os novos conflitos globais poderiam ser mais bem entendidos a partir da noção de civilização e cultura, pois os novos conflitos seriam de civilizações contra outras civilizações, não mais de ideologias ou economias. Para tal teoria, Huntington utiliza as noções de ‘Civilização’ e ‘Região’. É a partir delas que o autor tentará mostrar que o mundo pós Guerra Fria é dividido em oito grandes civilizações e que todos os conflitos futuros serão entre elas, dando enfoque ao ‘novo inimigo’ do Ocidente, o islã, ou melhor o ‘novo inimigo’ dos EUA.

A primeira parte deste artigo servirá para expor os pontos principais da teoria do choque das civilizações, a fim de que, a partir da compreensão deles, as críticas que serão apresentadas posteriormente se façam inteligíveis.

A segunda parte do artigo tratará de expor alguns problemas da teoria de Huntington concernentes à sua noção de região – conceito geográfico amplamente debatido na história da disciplina de Geografia. Para tais comentários, usaremos um artigo de Finelli *et al* sobre o mesmo assunto, contudo, tentaremos ir além dos autores, classificando a noção de região que Huntington utiliza em *O choque das civilizações?*.

A teoria do choque das civilizações sofreu várias críticas desde que foi apresentada e uma das mais relevantes é a que foi feita pelo escritor de *Orientalismo*, Edward Said – haja vista que é um escritor que já trabalhava há algum tempo com cultura e civilização islâmica, que fora apontada por Huntington como sendo a civilização a ser combatida. O escritor tece críticas à noção de civilização apresentada por Huntington, uma das noções centrais da sua teoria. Esta crítica será apresentada na

segunda parte deste texto e será mesclada com comentários meus e algumas aproximações dos conteúdos com nossa realidade brasileira.

Divisões das civilizações segundo Huntington

Samuel Huntington defendia, com sua teoria do choque das civilizações, que o mundo pós Guerra Fria seria “um mundo de sete ou oito civilizações principais [cada uma ocupando uma região do planeta]. Os aspectos comuns e as diferenças moldam os interesses, os antagonismos e as associações dos Estados” (DIAS, 2008, p. 2). É necessário, portanto, estabelecer os critérios que definem cada civilização para que seja viável uma discussão sobre a possibilidade de uma civilização nos moldes de Huntington.

Huntington nos apresenta cinco observações acerca do termo ‘civilização’, que podemos considerar o conceito chave de todo o seu pensamento. Para começar, diz Dias (2008), o cientista político contrapõe dois possíveis significados da palavra ‘civilização’, pois “há uma distinção entre civilização, no singular, e civilização no plural” (HUNTINGTON, 1997, *passim*). O primeiro deles – que o autor chama de ‘civilização’ no singular – é aquele que se opõe a ‘bárbaro’, logo é o significado que dá origem ao adjetivo ‘civilizado’, o homem da cidade. O segundo significado é mais amplo, considera que civilização é um termo que designa vários povos diferentes⁶⁰, não seria um adjetivo que distingue onde cada povo vive ou que tipo de cultura ele tem, mas, ao invés disso, designaria uma pluralidade cultural. Desse modo, por exemplo, o primeiro significado do termo era o que os europeus aplicavam a si próprios para se distinguirem dos índios: “Nós, europeus somos civilizados (refinados, cultos, vivemos em cidades; e eles, os índios, são bárbaros/selvagens” – assim era como os europeus viam a si mesmos, um prova disso era o modo como tratavam e enxergavam os índios na Modernidade. No segundo modo de significar a palavra, podemos ter o seguinte exemplo extremo: “Os alienígenas que chegaram à Terra são de uma civilização completamente diferente”, neste caso, ‘civilização’ significa um outro conjunto de costumes e modos de ser. Neste segundo caso, podemos traçar um paralelo e afirmar

⁶⁰ Inclusive, acho que poderíamos dizer que este seria um termo que substituiria o termo ‘civilização’ sem perdas conceituais.

que o estudo de civilizações seria o que Voltaire entendia por História, ou seja, uma investigação acerca dos costumes de certos povos⁶¹.

O segundo aspecto da civilização, segundo Dias (2008), é que ela não se confunde com unidade política, mas, antes disso, uma civilização seria uma unidade cultural, que seria bem mais amplo que uma unidade política. Se a civilização se reduzisse à unidade política, então cada país, por si só, seria sua própria civilização e, assim, não haveria motivo para uma nova ordenação mundial se continuaríamos com a mesma divisão, só que numa perspectiva diferente. Huntington, então, nos diz que civilização “é uma entidade cultural [...]. Civilização e cultura se referem, ambas, ao estilo de vida em geral de um povo” (HUNTINGTON, 1997, *passim*). Fazendo isso, ele pode tanto estender o domínio de uma civilização para os mais variados Estados, como faz com a maioria quanto dividir um só Estado em várias civilizações sem que haja contradição alguma em seu sistema. É uma boa saída, contudo, não temos certeza sobre a possibilidade dessa unidade cultural que será buscada⁶².

Outra entidade que não se confunde com a civilização é a raça. Até aqui, estamos definindo a civilização por uma via negativa, ou seja, estamos estabelecendo os limites que quando ultrapassados não representam a ideia de civilização que queremos expor. Huntington afirma que a raça não é suficiente para individualizar um grupo de pessoas o suficiente para caracterizar uma civilização, visto que “as distinções cruciais entre os grupos humanos se referem a seus valores, crenças, instituições e estruturas sociais, não o seu tamanho físico, formato da cabeça e cor da pele” (HUNTINGTON, 1997, p. 47). Consequentemente, imaginamos, seria possível falar em descendentes de asiáticos que são ocidentais, filhos de árabes que, por crescerem no ocidente, introduziram-se no conjunto de crenças ocidentais também deveriam ser considerados orientais.

O quarto e último aspecto levantado por Dias (2008), mostra-nos outros elementos por meio dos quais poderíamos caracterizar as civilizações. Embora Huntington considere a Religião como fator mais importante – pois ela é a criadora e disseminadora de crenças e costumes entre os povos –, ele afirma que a civilização

⁶¹ Tal concepção de História pode ser encontrada em *A Filosofia da História*.

⁶² Este é exatamente o ponto da crítica feita por Edward Said (2001).

também pode ser “definida por elementos objetivos comuns, tais como língua, história, religião, costumes, instituições e pela auto-identificação subjetiva das pessoas” (HUNTINGTON, 1997, p.48). Neste momento, Huntington nos dá a possibilidade de tornar falsa a sua teoria – ao menos o que concerne à divisão das civilizações –, pois ele diz que estes fatores agora apresentados são objetivos, desse modo, se algum outro investigador analisar os mesmo aspectos, deverá, de maneira necessária, chegar às mesmas conclusões.

Portanto, para fins didáticos, poderíamos sintetizar a tese das civilizações da seguinte maneira: Uma civilização é um conjunto de pessoas unido por laços ainda mais fortes que os raciais-sanguíneos, pois a civilização une essas pessoas pelas suas crenças, costumes, história, relações sociais, instituições e língua. Esses laços são mais fortes que o sanguíneo, porque uma vez que o indivíduo seja criado dentro destes determinados aspectos, é impossível que ele participe de (integre-se a) outra civilização, enquanto que os laços biológicos podem ser esquecidos, omitidos ou nem levados em consideração, sem que isso cause algum estranhamento ou problema.

A partir dessa definição de Civilização⁶³, o cientista político divide o mundo pós Guerra Fria em oito regiões, cada uma correspondente à sua respectiva civilização. O possível problema na noção de ‘região’, em Huntington, será tratado na seção que se segue.

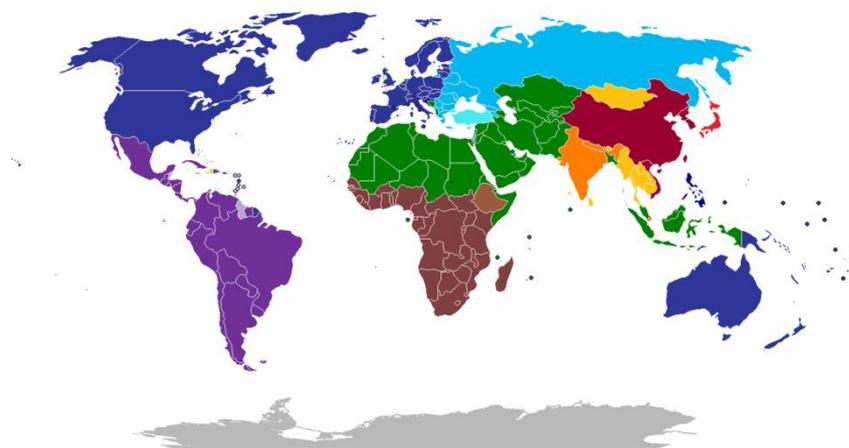


Imagem retirada da Internet.

⁶³ A partir daqui utilizarei iniciais maiúsculas por se tratar de um termo técnico que já foi definido.

Essa ilustração mostra como foi pensada a divisão das civilizações por Huntington.⁶⁴

Problema da Região

De acordo com Finelli *et al* (2014), a noção de ‘região’ na Geografia é um dos assuntos mais discutidos desde o início da disciplina como tal, desde o século XIX, quando a Geografia foi apartada da Filosofia. Finelli *et al* (2014) nos apresenta quatro noções diferentes de ‘região’ para exemplificar quão amplo é esse campo da Geografia que fora utilizado, mas pouco fundamentado por Samuel Huntington.

Em primeiro lugar, é mister deixar explícito que à noção de ‘região’ sempre estará ligada a ideia de espaço, ou seja, uma região sempre é um espaço. A discussão, portanto, não orbita acerca da natureza da região, mas acerca dos aspectos que fazem uma região uma, em outras palavras, o que distingue uma região de todas as outras. Quatro respostas nos são oferecidas pelos autores, cada uma delas referente a um período do desenvolvimento da Geografia: (1) Região natural, (2) Região do possibilismo ambiental, (3) Região da Nova Geografia e (4) Região da Geografia Crítica.

O primeiro tipo de região está associado ao determinismo ambiental – tese que defende que as ações, os costumes e o desenvolvimento tecnológico do ser humano é condicionado pelo ambiente no qual ele vive⁶⁵. Por exemplo, diriam que os Neandertais começaram a utilizar roupas por conta das condições climáticas desfavoráveis, uma tese razoável. Por conseguinte, para os defensores dessa tese, região é

parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em área dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciariam ainda mais cada uma destas partes. Em outras palavras, uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes. (CORRÊA, 2000, p.12 *apud* FINELLI *et al*, 2014, p. 712).

⁶⁴ Azul escuro: Civilização ocidental; Azul claro: Civilização ortodoxa; Verde: Civilização islâmica; Roxo: Sub-civilização latino-americana; Bordô: Civilização chinesa; Amarelo: Civilização budista; Laranja: Civilização hindu; Marrom: Civilização africana e em Vermelho: Civilização Japonesa.

⁶⁵ Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Environmental_determinism.

A partir da Região natural, é possível estabelecer regiões que distinguem-se umas das outras por fatores unicamente naturais, como mencionado acima, “o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros”. Desse modo, não poderíamos fazer um rearranjo regional que ficasse semelhante ao que fora feito por Huntington a partir desta noção de espaço, visto que, por exemplo: no Brasil, temos vários climas diferentes, além de vegetações diferentes, relevos e geologia também, de acordo com esta noção de região natural não teríamos como pertencer à mesma região, contudo, para o americano, toda a América Latina é uma só civilização/região⁶⁶. Portanto, sabemos, desde já, que essa não pode ser a noção de região defendida por Huntington.

A segunda noção segue uma tese que nega o determinismo ambiental, a saber, o possibilismo ambiental. No possibilismo ambiental, a função da natureza não é determinar o indivíduo sujeito a ela fisiologicamente e psicologicamente, mas apenas a de “oferecer as possibilidades que permitiriam ao homem se apropriar de determinadas técnicas e hábitos” (FINELLI *et al*, 2014, p. 713). Então, nessa concepção possibilista, o ser humano não é totalmente determinado pela natureza, logo teremos um maior foco na relação homem-natureza. O ser humano possui certa liberdade inclusive para com a natureza.

A região geográfica assim concebida é considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, supondo, portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio. Neste raciocínio, chegar-se-ia à conclusão de que a região poderia desaparecer. Sendo assim, o papel do geógrafo é o de reconhecê-la, descrevê-la e explicá-la, isto é, tornar claros os seus limites, seus elementos constituintes combinados entre si e os processos de sua formação e evolução. (...) No processo de reconhecimento, descrição e explicação dessa unidade concreta, o geógrafo evidenciava a individualidade da região, sua personalidade, sua singularidade, aquela combinação de *fenômenos naturais e humanos que não se repetiria*. (CORRÊA, 2000, p.15 *apud* FINELLI, 2014, p. 713, grifo nosso).

Como vemos, nesse tipo de região, os fenômenos causados pelos seres humanos já são contabilizados enquanto fenômenos individualizantes daquele espaço. Como consequência disso, teríamos a possibilidade de dizer que uma região é diferente da outra levando em conta, além das qualidades naturais, a mudança causada pelo homem.

⁶⁶ Pode parecer que estamos confundindo Civilização com região, mas na verdade estou colocando um na dependência do outro. A Civilização ocupa determinado espaço, então como sabemos qual e quanto espaço cada Civilização ocupa ou deveria ocupar? Estou procurando os critérios para determinar essa divisão espacial.

Contudo, ainda não parece ser a definição defendida por Huntington, visto que, em momento algum, ele menciona a natureza como critério para alguma divisão. Ao contrário, no caso da Civilização, ele argumenta contra a unidade natural de uma civilização – que seria através da genética.

A Nova Geografia foi uma corrente geográfica bastante influenciada pelo positivismo lógico, portanto, é de se esperar um maior grau de objetividade na determinação das regiões. Os geógrafos defensores dessa Geografia fundamentavam as distinções espaciais das regiões a partir da estatística, pois, assim, qualquer outro investigador que fizesse a mesma pesquisa, deveria chegar à mesma conclusão. Esta linha de pensamento parece-nos lembrar, um pouco, a de Huntington, mas é puro engano, o único traço similar entre ela e o pensamento do norte-americano é a pretensão de objetividade dos resultados. Para tais geógrafos,

Se as regiões são definidas estatisticamente, isto significa que não se atribui a elas nenhuma base empírica prévia. São os propósitos de cada pesquisador que norteiam os critérios a serem selecionados para uma divisão regional. Se a intenção é definir regiões climáticas, utilizam-se então informações pertinentes ao clima; no caso de elas serem agrícolas, fontes relacionadas seriam usadas. (CORRÊA, 2000, p.18 *apud* FINELLI *et al*, 2014, p. 713-714).

Ainda que pareça possível que Huntington faça uso dessa noção de região, podemos argumentar que ele não utiliza estatísticas para estabelecer uma divisão regional. Ele não apresenta dados numéricos sobre quaisquer aspectos que utiliza para defender a divisão da população mundial em civilizações. Contudo, concordaríamos que esta é uma noção que seria conveniente, pois teria maior grau de precisão e se delimitaria bem o que está sendo levado em conta para a divisão regional.

A quarta noção de região, finalmente, surgiu para se contrapor à supracitada, a saber, para se contrapor à Nova Geografia. A Geografia Crítica aparece retirando o máximo de objetividade da disciplina. A partir disso,

O método regional de cunho dialético desse paradigma evidencia o esforço de vários autores no intuito de produzir pesquisas que definissem o posicionamento eminentemente político e social dos autores nas pesquisas, em detrimento do modelo anterior que apontava para a possibilidade de resultados que não fossem passíveis de subjetividade. (FINELLI, 2014, p. 714).

Com isso, podemos vislumbrar uma possível base para o pensamento de Huntington acerca das regiões, pois é fácil perceber que a teoria do choque das civilizações é totalmente engajada e que o autor, embora tente objetivar suas teses, o faz com dificuldade. Portanto, argumentamos a favor de que o americano concorda que

As desigualdades que aparecem [nas regiões] caracterizam-se pela combinação de aspectos distintos dos diversos momentos da história do homem. Isto resulta no aparecimento de grupos também distintos ocupando específicas parcelas da superfície da Terra, e aí imprimindo suas próprias marcas, a paisagem, que nada mais é que uma expressão de seus modos de vida. (CORRÊA, 2000, p.23 *apud* FINELLI *et al*, 2014, p.714).

Conseqüentemente, temos, como chamamos atenção anteriormente, uma noção de região totalmente dependente de fatores humanos. De acordo com ela, o Homem não é, em grau algum, determinado pela natureza e, desse modo, a região em que vive uma determinada Civilização aparentará aspectos distintivos desta mesma Civilização. Assim, por exemplo, a região nordeste brasileira tem características próprias que não são da ordem do natural, mas da ordem da modificação humana. O nordeste, neste exemplo, teria características que demonstram, de alguma maneira, o modo de vida da Civilização que vive ali. Embora estejamos olhando para este exemplo do nordeste brasileiro, Huntington trata de maneira mais geral, pois “suas” Civilizações abrangem vários países que, pensamos nós, têm Civilizações e Regiões díspares.

Problema da Civilização

Vimos na primeira parte desse texto que Huntington define Civilização como uma unidade cultural (envolvendo história, língua, religião etc.). Para muitos críticos, esta é uma visão simplista de Civilização, a saber, pensar que é possível encontrar alguma unidade tão geral quanto a buscada por ele. Entre estes críticos, está o palestino escritor da obra *Orientalismo*, Edward Said.

Said escreveu um pequeno texto intitulado *Choque das ignorâncias* e publicou em Português pela Folha de São Paulo no ano de 2001. Para quem já conhecia a obra de Samuel Huntington e a de Said, pelo título já era esperado o que estava por vir.

O ensaísta palestino começa sua crítica à pretensão que o americano tem de transformar as Civilizações em uma entidade estática, ou seja, não considera a dinâmica intra-civilizacional, se nos permitirmos o termo. Diz Said que

Na realidade, Huntington é um ideólogo – alguém que quer transformar “civilizações” e “identidades” em algo que elas não são, entidades estanques e fechadas, destituídas das múltiplas correntes e contracorrentes que animam a história humana e que, ao longo dos séculos, tornaram possível que essa história não apenas contenha guerras de religião e conquista imperial, mas que também seja feita de intercâmbios, fertilizações cruzadas e partilhas. (SAID, 2001, *WEB*).

Atacando o norte-americano chamando-o de ‘ideólogo’, Said quer dizer que o que Huntington está fazendo na teoria do choque das civilizações é nada mais do que ignorar a realidade complexa das civilizações para resolver problemas complexos a partir de soluções simplistas (SAID, 2001, *WEB*). Como ele mostra na citação escolhida, as Civilizações desde sempre são orgânicas, elas possuem uma dinâmica intrínseca que as permite modificarem-se ao longo da história – fato que Huntington parece discordar quando afirma que o Islã sempre, desde o medievo, pelo menos, foi inimigo do Ocidente.

Said também tece críticas à divisão das Civilizações, pois, para ele, não há homogeneidade suficiente dentro de cada povo para chama-lo de *uma Civilização*, como pretende Huntington. Sobre a Civilização islâmica, diz Said “Será que ele entrevistou 100 indonésios, 200 marroquinos, 500 egípcios e 50 bósnios para chegar a isso? Mesmo assim, que espécie de amostragem seria essa?” (SAID, 2001, *WEB*). O palestino critica a honestidade intelectual do americano, pois, como é possível se fazer uma tese tão forte de divisão civilizatória envolvendo o mundo inteiro sem que se façam as pesquisas de campo adequadas para perceber todas as nuances de cada povo? Não demora até percebermos as limitações dessas delimitações civilizatórias. Tomemos como exemplo nossa suposta Sub-Civilização Latino-americana. O que poderíamos pensar que há de comum entre brasileiros e argentinos? Não compartilhamos idioma nem história, pois mesmo ambos sendo colonizados, nossas colônias vieram de lugares diferentes. As culturas são estranhas umas às outras, pois nós temos heranças africanas, tupi-guarani (o que sobrou), holandesa (se é que sobrou alguma da expedição feita para o nordeste) e portuguesa; enquanto que eles possuem heranças dos povos dos Andes e da Espanha.

Alguém poderia falar que a Religião é comum, porém, com tanta influência de povos diferentes e com o crescimento de outras vertentes de Cristianismo surgindo no Brasil, nem isso é o suficiente para nos identificar aos nossos vizinhos. Até o clima nosso é bastante diferente. Se olharmos bem para o Brasil, veremos uma fragmentação identitária da nação de norte a sul – não é atoa que, por exemplo, a relação dos sulistas com a comida do nordeste é parecida com a relação que eles têm com a comida japonesa, ou seja, é algo que pertence ao outro e me é estranho. Portanto, não precisamos ir muito longe para enxergar o quão simplista é a visão de Huntington sobre as Civilizações.

Ademais, outro ponto bastante pertinente da crítica de Said é o crescimento de umas Civilizações dentro das outras, em outras palavras, uma Civilização não é delimitada pela Região, como vimos que Huntington compreende. O exemplo que Said nos dá é o crescimento dos povos islâmicos em países supostamente ocidentais⁶⁷:

Pense nas populações atuais da França, Itália, Alemanha, Espanha, Reino Unido, EUA e até mesmo Suécia e você será obrigado a admitir que o islã já não se encontra apenas na periferia do Ocidente, mas em seu centro. (SAID, 2001, *WEB*).

O autor palestino vai ainda mais longe e afirma a evidência, ao menos na literatura, da presença dos mulçumanos na Europa desde sempre, diz ele: “O islã está dentro do Ocidente desde o início, como foi obrigado a admitir o próprio Dante, grande inimigo de Muhammad, quando situou o Profeta no próprio coração de seu Inferno” (SAID, 2001, *WEB*).

Podemos dar mais evidências dessa impossibilidade de delimitar as Civilizações em Regiões. Pensemos nos grandes bairros (ou cidades) brasileiros que possuem apenas imigrantes, eles não deixam sua tradição, religião nem língua de lado, apenas mudaram de casa. O mesmo ocorre com muitos brasileiros quando vão morar em outro País. Assim, vemos que a limitação do aprisionamento da Civilização em uma Região é real. Talvez fosse melhor um mapa das Civilizações, se fosse realmente necessário fazê-lo, que dentro de cada Civilização houvesse várias outras, mesmo que um ou alguns pontos de cores diferentes.

⁶⁷ Said morreu em 2003, então não chegou a ver a atual crise de refugiados sírios que estamos enfrentando.

Said, então, conclui que não há necessidade alguma de uma divisão de Civilizações, pois é uma propriedade da Civilização a abertura para mudança através do contato com outras. A teoria do choque das civilizações, diz Said, serve para criar pânico na população e ódio do Ocidente ao Oriente e vice-versa. O ódio criado pode ser exemplificado com um grande caso e outro um pouco menor. O grande caso que podemos usar para evidenciar isso é o ataque ao *World Trade Center*, feito por um grupo terrorista islâmico. O pânico e o ódio criado pela população faz com que ela pense que os islâmicos são os únicos a fazerem coisas desse tipo. Contudo, aqui no Brasil temos atos de terrorismo por parte de Cristãos para com os Umbandistas, por exemplo, as proporções são diferentes, mas as relações são análogas. O pequeno caso ao qual nos referimos, também provocado pelo pânico e o ódio que o ocidente gera em sua população com relação aos islâmicos, é o caso do brasileiro que foi morto no metrô de Londres. A justificativa para sua morte é que ele foi confundido, por conta da sua barba, com um mulçumano que estava sendo perseguido. O ódio é tamanho que as pessoas se deixam levar, como é esperado, pelas paixões e pela aparência.

Considerações finais

Por fim, o artigo apresentou, grosso modo, a divisão feita por Huntington e seus pressupostos básicos, como, por exemplo, a sua noção de Civilização. Civilização enquanto uma entidade que representa a unidade cultural e que está para além da raça e do Estado.

Se antes não tínhamos ideia alguma de quais critérios eram tomados por Huntington para dividir as Regiões pertencentes a cada Civilização, agora temos em mente que são critérios relacionados pura e simplesmente ao humano – em outras palavras, critérios relacionados a fatores humanos. Numa parte o pesquisador com toda sua carga ideológica e na outra as Civilizações com suas modificações nos espaços nos quais vivem.

A crítica de Edward Said à noção de Civilização que Huntington defende é bastante incisiva, como vimos, e, praticamente, joga a teoria do choque das civilizações à obsolescência. Said vê algumas consequências sutis da teoria de Huntington, como o aspecto do pânico e do ódio criado de ambos os lados, Ocidente e Islâmicos. O tom com

o qual Huntington apresenta sua teoria é uma mistura de profecia com declaração de Guerra, pois após rotular as populações e afirmar que as guerras serão entre elas, afirma também que será uma Guerra do Ocidente com o resto, além de afirmar algumas vezes a superioridade do Ocidente para com o restante do mundo.

Referências Bibliográficas

COLON, Leandro. **Documentos de Jean Charles reforçam que morte poderia ter sido evitada**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/06/1645109-documentos-de-jean-charles-reforcaram-que-morte-poderia-ter-sido-evitada.shtml>> Acesso em: 01/03/2018.

DIAS, Tatiana S. de A. **O choque de Civilizações na Política Internacional Contemporânea**. 2008. Dissertação (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília.

FINELLI, Ramon. M.G.; RANGEL, Bruno de A.; SILVA, Leonardo L. S. “Contestando Regionalizações culturais: A crítica de Edward Said à regionalização do choque de Civilizações de Samuel Huntington”. In: **Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, 2014**. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014.

G1. **Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>> Acesso em: 01/03/2018.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

SAID, Edward. **Choque de Ignorâncias**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1710200128.htm>> Acesso em: 01/03/2018.

VOLTAIRE. **A filosofia da história**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WIKIPÉDIA. **Environmental determinismo**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Environmental_determinism> Acesso em: 01/03/2018.